Material Digital do
LIVRO DO PROFESSOR

Autoria: LÍLIA MARTINS

Título: PRA QUE TOMAR BANHO?

Autor e Ilustrador: JOÃO MARCOS

Editora COMPOR

BEM-VINDO, PROFESSOR
AO LIVRO

AUTORIA: LÍLIA MARTINS

1ª EDIÇÃO - 2021

CATEGORIA PRÉ-ESCOLA

GÊNERO: NARRATIVO.

TEMAS: - COTIDIANO DE CRIANÇAS NAS ESCOLAS, NAS FAMÍLIAS E NAS COMUNIDADES (URBANAS E RURAIS);

- RELACIONAMENTO PESSOAL E DESENVOLVIMENTO DE SENTIMENTOS DE CRIANÇAS NAS ESCOLAS, NAS FAMÍLIAS E NAS COMUNIDADES (URBANAS E RURAIS).

ISBN 978-65-88584-13-2

Compor

Sumário

PARTE 1. 6
Carta ao professor e à professora 7
Por que e para que ler para crianças pequenas 8
Como e onde ler para as crianças pequenas 11
Conhecendo a obra 13
Conhecendo o autor e ilustrador 14
As histórias em quadrinhos na educação infantil 15
Por dentro da história 18

PARTE 2 21
A hora da leitura 22

PARTE 3 26
Atividades complementares 27

PARTE 4. 32
Jogos e brincadeiras 33
Músicas e vídeos 40

PARTE 5. 44
Bibliografia comentada 45
Sugestões de leitura 47

Parte 1

"Designed by Freepik"

Caro professor, cara professora,

É uma alegria saber que as escolas de educação infantil e as creches estão recebendo livros de literatura! E que você tem em mãos este título da Editora Compor para ser seu companheiro na empolgante tarefa de apresentar aos(às) pequenos(as) leitores(as) um rico e mágico universo literário.

Para formar leitores(as) é preciso ter contato com livros diversos, com ilustrações sensíveis e temas instigantes, capazes de desencadear os mais ricos diálogos. O(A) educador(a) caminha lado a lado com o(a) pequeno(a) leitor(a), nessa jornada na qual cada página apresenta uma diversidade de informações a serem apreciadas e apreendidas.

As crianças decifram à sua maneira as imagens, palavras e texturas do livro que lhes é apresentado, e este caminhar na apreciação do belo e do lúdico passa necessariamente pela mediação do(da) professor(a), que também se reconstrói como leitor(a).

Daí a importância de se ativarem os sentidos e realizar sempre novas leituras, expandindo a percepção sobre o livro, pois ele ganha novos contornos a cada leitura.

Convidamos você para nos acompanhar nesta proposta de ampliar o convívio com a literatura e tornar-se leitor(a), ouvinte, espectador(a), construtor(a) de novas narrativas, condutor(a) nos caminhos que se abrem em cada leitura compartilhada.

Vamos caminhar juntos!

— Os Editores

Por que e para que ler para crianças pequenas

O livro e a literatura são elementos fundamentais para a inserção das pessoas na sociedade como cidadãos. O sociólogo e crítico literário Antonio Candido afirma que a literatura é, ou ao menos deveria ser, um direito básico do ser humano.

Existem direitos que são universais e não é difícil identificá-los quando os associamos a tudo o que desejamos de melhor para nós e para os outros. Nós queremos moradia, alimentação, saúde, educação, vestuário, liberdade individual, justiça, proteção, direito à crença, à opinião e ao lazer.

O que o professor Antonio Candido acrescenta a essa lista é um elemento inovador, que se enquadra nas nossas necessidades mais profundas. O ser humano necessita da ficção e da fabulação que, segundo ele, atuam diretamente na sua formação.

Fazer parte da sociedade e exercer plenamente os direitos pressupõe a todos a oportunidade de acessar o conhecimento popular e aquele gerado pela ciência, historicamente sistematizado e repassado através da oralidade, dos cânones, das manifestações culturais e artísticas e expostos em suportes diversificados que tornam coletivo todo esse legado.

A todas as crianças brasileiras de 0 a 5 anos de idade é garantido o atendimento em creches e pré-escolas, sendo esse um dever do Estado. Desde a Constituição cidadã de 1998 e mais adiante, com a promulgação da LDB, acontece a integração da educação infantil à educação básica, agregando essa modalidade nas políticas públicas educacionais e não mais isolando-a de sentido. Desse modo, as antigas instituições que detinham o *status* de locais de abrigo ganham novos contornos e nelas se insere uma intencionalidade, não de serem impositivas, detentoras e transmissoras de saberes, mas de se tornarem espaços propícios ao desenvolvimento físico, social e intelectual, através de trocas significativas, onde todos ensinam e também aprendem. Elas são agora entendidas como instituições que acolhem sujeitos múltiplos com demandas e saberes específicos.

As creches e pré-escolas que surgem desde então são frutos de uma importante conquista, pois foram pensadas como ambientes formadores de cidadãos e cidadãs em exercício de seus direitos e em constante ampliação de sua compreensão de mundo.

A BNCC, Base Nacional Comum Curricular, reforça e alarga o entendimento da importância dos espaços destinados às crianças menores. Ela reconhece que

> creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês

e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.
(BRASIL. BNCC, 2017. p. 37)

Aqui entende-se que, mesmo na primeira infância, as crianças são capazes de compreender o espaço que ocupam e dele extrair significados. E mais, o contato com diferentes ambientes e as interações proporcionadas pelos momentos coletivos nos espaços familiares e escolares contribuem para que se tornem mais independentes, estabeleçam conexões, assimilem conceitos e aumentem seus vínculos afetivos.

Sendo assim, as particularidades das crianças nessa faixa etária convocam os(as) educadores(as) a se debruçarem no entendimento das características e demandas infantis, para fazerem dessa etapa um período significativo de suas vidas, em que sejam respeitadas e potencializadas suas capacidades.

A compreensão de que os primeiros anos escolares carrega uma riqueza de aprendizagens contida nas transformações tanto física quanto intelectuais das crianças conduz a pensar em modos inovadores e ao mesmo tempo pautados no respeito às individualidades, que tornem a vivência no espaço escolar motivadora, divertida e prazerosa, para que ampliem-se os estímulos e o campo de interação em uma dinâmica mais abrangente, na qual suas percepções são mobilizadas de maneira diversa. Elas então se tornam sujeitos daquela aprendizagem e não meros receptores. Assim, serão capazes de apropriar-se do conhecimento e expandi-lo em conexões que conduzem a novos aprendizados e novas inferências.

No espaço escolar onde circulam os bebês e as crianças pequenas, é preciso haver a garantia de uma infraestrutura adequada e dotada de recursos múltiplos que as coloquem em situações que as instiguem, despertem sua criatividade e que as desafiem.

No rol de recursos pedagógicos e lúdicos a serem disponibilizados, é preciso atentar para que sejam todos eles pensados como portadores de sentido, que promovam descobertas e encantamento. Nas mãos das crianças é preciso haver jogos, brinquedos, fantasias, fantoches, objetos sensoriais, sonoros e... livros!

O livro de ficção está aí mesmo, junto com os demais recursos que convidam para a brincadeira. Inserir o livro nessa caixa de brinquedos é proposital, pois, como os outros objetos, ele também provoca o imaginário, conforma e confronta saberes e estimula os processos cognitivos. E coloca-se na condição de objeto lúdico e de obra de arte quando mediado pela via da fruição, ainda que dialogue com a realidade. A fruição leva a caminhos claros de expansão e podem falar mais fundo para consolidar, confirmar e auxiliar em processos internos. Yolanda Reyes afirma que “a literatura (...) é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem.” (REYES, 2010, p. 63).

É inegável que as crianças apreciam os livros e as histórias neles contidas. Observá-las apontar o que chama sua atenção durante uma leitura compartilhada, presenciar seu entusiasmo ao escutar e sua vontade de compartilhar suas impressões dão mostras do potencial do objeto livro no desenvolvimento da competência leitora.

O contato inicial dos(das) pequenos(as) com a literatura é através do conto oral, meio pelo qual os pais e, depois, os educadores desvelam histórias e, concomitantemente, apresentam-lhes o portador daquele texto. O livro acompanha as crianças no banho, no berço, no espaço de brincar e é folheado, tocado, experimentado, ganhando assim novos

contornos. E nesses momentos a troca é feita em diálogos plenos de afeto, nos quais se fala de sensações e descobertas e consolida-se o gosto pelos livros e pela leitura, que é a chave para o início do letramento literário.

Diversos autores relatam a importância do contato com o estilo formal da língua escrita. Rildo Cosson sustenta que "vivenciando experiências com a materialidade do livro e sua imaterialidade, com o real e a ficção, com a voz penetrante e a palavra escrita, as crianças da primeira infância iniciam sua formação enquanto leitores a partir de uma mediação atenta" (COSSON, 2015, p.13). Para Yolanda Reyes, "tudo o que a criança experimenta no âmbito da linguagem oral lhe é oferecido pelo contexto para que se aproxime do código escrito, e ela usa tal reserva de conhecimentos para responder a novos desafios" (REYES, 2010, p. 86).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) apresenta o conceito de "literacia", definindo-o como o "conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas com a leitura e a escrita e sua prática produtiva" (BRASIL, 2019). Desse modo, aponta que, desde os primeiros anos escolares, é preciso criar situações que gradativamente promovam os saberes necessários para ativar a compreensão leitora das crianças. O decreto que institui a PNA reconhece a importância de contar com vários agentes, valorizando, assim, os conhecimentos que são construídos com base na vivência com pais e cuidadores (literacia familiar) e posicionando a pré-escola como uma fase relevante para a construção de tais habilidades, tão importantes para o processo de alfabetização (literacia emergente).

Dessas afirmações emerge a necessidade do acesso à cultura letrada de todas as crianças, desde a mais tenra idade, garantindo a circulação de livros de literatura nos seus espaços de convivência, para que seu uso seja cotidiano, elaborado e condutor de novos olhares e descobertas.

As diversas temáticas presentes nos títulos voltados para essa faixa de idade fazem deles portadores de conhecimento, cultura e informação que, nas mãos das crianças e dos mediadores de leitura, podem enriquecer os momentos de interação com o livro. As narrativas ficcionais podem ter como inspiração os temas transversais e até mesmo introduzir em seu enredo situações que contenham ideias relacionadas, por exemplo, à numeracia, criando oportunidades para empreender trocas, fomentar diálogos, desvendar o que até então era desconhecido e provocar uma expansão que contribui para o desenvolvimento integral dos pequenos.

Rildo Cosson afirma que "todo texto literário tem uma mensagem mais ou menos explícita, tem um desenho de mundo a ser depreendido no momento da leitura, um saber sobre ou essa ou aquela área que não pode nem deve ser desprezado – trata-se do contexto da obra" (COSSON, 2010, p. 62). Reconhecer esses contextos e estabelecer vínculos com o texto literário dá a ele o valor de agente transformador na vida das crianças, que se se abrem ao novo e ao mundo a partir do encantamento e da apropriação de novos entendimentos.

A intencionalidade do trabalho docente para desenvolver ações e projetos inovadores com o rico material impresso que agora chega às unidades escolares de educação infantil é objeto deste Manual. Que a sociedade de leitores que almejamos esteja cada vez mais perto de se tornar realidade.

Mas antes de seguirmos adiante, faz-se urgente lembrar que, em todas as práticas apresentadas neste Manual, devem ser acolhidas as crianças portadoras de necessidades especiais. É preciso atender às diferenças de cada criança e criar condições para implantar a educação inclusiva com estratégias que permitam a todos(as) experienciar as vivências e atividades lúdicas aqui propostas.

Como e onde ler para as crianças pequenas

Com a chegada dos livros do PNLD LITERÁRIO, as creches e pré-escolas podem formar ou ampliar seu acervo. Tendo disponível uma diversidade de títulos, podemos então iniciar uma conversa sobre as melhores estratégias para aproximar as crianças dos livros.

Primeiramente é importante definir um espaço para acomodá-los e formar a biblioteca da sala ou o cantinho de leitura da sala de recursos.

Várias soluções criativas podem ser usadas para acondicioná-los. O(A) professor(a) pode criar porta-livros que atendam às características do seu espaço, como bolsões de tecido presos às paredes, caixas de papelão, de plástico, de madeira ou *pallets* decorados, cestos, malas, baús, um varal com os livros suspensos, presos com pregadores de roupa, ou mesmo estantes de madeira com nichos desenhadas exclusivamente para a função.

Se possível, as capas deverão ficar visíveis, e o local onde os livros serão guardados precisa estar na altura adequada para que as crianças possam alcançá-los.

O(A) professor(a) pode também ser criativo(a) na hora de decorar o "cantinho dos livros" com alguma cobertura para o chão, como tapetes, almofadas, colchonetes e outros itens, para que os(as) leitores(as) sintam-se confortáveis ao ler e ouvir histórias.

Os livros devem fazer parte do cotidiano das crianças, e a interação entre eles deve ser frequente, para que leiam como lhes convém. É bom saber que os pequenos podem querer colocá-los na boca, carregar debaixo do braço, sentar em cima, colocar na cabeça, abraçar. Trata-se de um contato muito importante para que o livro se incorpore na sua vida e ganhe sua atenção. Quando já puderem entender, o(a) professor(a) pode começar a falar sobre a importância do zelo com o material, sem no entanto ser repressivo ou punitivo. O cuidado com o acervo deve ser de todos e é bom convidar os pequenos para organizar o espaço, porém sem muito rigor. Talvez um livro queira passar um tempo em companhia das bonecas e dos carrinhos e isso deve ser permitido.

Quando já conhecerem o espaço destinado aos livros e estiverem acostumados a manuseá-los, então já se podem criar momentos de leitura, em encontros diários ou programados regularmente na rotina da turma.

Para que se crie esse vínculo consistente é importante destacar que o(a) professor(a) deve também se apaixonar pelo livro e estar aberto(a) a descobertas e a todas as nuanças e surpresas que a leitura pode trazer. É necessário que eduque seu olhar para ver e ler nas entrelinhas e, assim, aproxime-se das reações dos(das) pequenos(as) leitores(as), que se surpreendem sempre com as descobertas que fazem com suas leituras. O(A) educador(a) se sensibiliza e escuta o que a criança tem a dizer, mostrando também suas impressões. Dali nasce um diálogo que leva a múltiplas interpretações do texto imagético ou em palavras, transcendendo o que está impresso.

O(A) professor(a) mediador(a) desempenha melhor sua função quando se prepara para fazer a leitura. O desdobramento dessa ação se dará de forma efetiva quando imaginada para ser mais do que uma leitura literal das páginas. A interpretação do texto, quando bem elaborada, enche as histórias de cores, desvela sensações, surpreende e emociona.

Para bem fazer uma mediação na hora da leitura com as crianças é bom saber que:

- uma leitura prévia ajuda a escolher os pontos mais interessantes da história, ou seja, aqueles que potencialmente serão observados pela criança, ou podem suscitar ricas interlocuções. Nessa preparação já se pode pensar nas vozes, entonação, gestos e expressões faciais para cada passagem ou personagem.

- A interação e o afeto atraem os(as) pequenos(as) para o livro e a história. A escritora Ninfa Parreiras afirma que a voz do adulto que lê funciona como um colo, um lugar de aconchego. Sendo assim, os momentos de contato com os livros devem ser afetuosos, para serem reconhecidos como prazerosos. A conversa deve ser franca, o contato, estreito, com proximidade, olhos nos olhos, sorriso nos lábios.

- As intervenções, por mais diversas que sejam, devem ser permitidas. Deixem que as crianças toquem, mudem as páginas, sintam as texturas. O olhar passa por caminhos completamente inusitados e elas podem querer mudar o final, inventar uma história dentro do enredo, demonstrar seu apreço, sua estima, ou seu desagrado e desconforto. Tudo isso deve ser acolhido, pois são respostas espontâneas ao estímulo gerado pelo contato com a multiplicidade de informações contida num livro.

A construção do encontro com a leitura literária vai se consolidando durante a trajetória das crianças na pré-escola. Todas as oportunidades de leitura devem ser bem aproveitadas, inclusive em casa. Seria então importante franquear os livros para as famílias. Pode ser em encontros na escola, quando os(as) responsáveis são convidados(as) a conhecer o acervo da sala. Algum pai, mãe ou cuidador pode preparar uma leitura para ser feita para a turma, e quem sabe a escola para se organiza realizar empréstimos, e assim os livros podem fazer uma visita às casas das crianças? Elas poderão repassar à família o que conhecem e falar de suas impressões sobre aquela história, tantas vezes lidas e já guardadas de cor.

As propostas contidas neste Manual têm como objetivo apoiar e potencializar o trabalho já realizado pelos(as) educadores(as). Certamente outras ideias surgirão, e as práticas escolares de leitura poderão ser condensadas em um banco de atividades colaborativo e também compartilhado em fóruns de formação continuada.

Conhecendo a obra

TEXTO EM CAIXA ALTA

Categoria Pré-escola: a obra é indicada para as crianças entre 4 e 5 anos. Apresenta enredo que propicia a familiarização com o texto escrito e imagético, em uma narrativa simples e envolvente com personagens e ilustrações que remetem ao seu cotidiano. A história estimula o contato com a diversidade dos gêneros literários, incentivando o gosto pela leitura através da descoberta de novas formas de comunicação e da interação com múltiplas linguagens.

Gênero: Narrativo

Temas:

- Cotidiano de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais);

- Relacionamento pessoal e desenvolvimento de sentimentos de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais).

PRA QUE TOMAR BANHO?

Os irmãos Mendelévio e Telúria gostam muito de brincar e estão sempre juntos.

Ao final de um dia de brincadeiras, é hora de tomar banho. Mas Mendê não quer nem saber disso e faz de tudo para escapar do chuveiro. Só que não tomar banho significa ficar cheirando mal, e nesta história pode trazer também outras consequências inesperadas.

O livro explora com bom humor uma vivência típica da infância. De maneira lúdica e leve, o autor e ilustrador João Marcos brinca com as reações das crianças quando se recusam a cumprir os combinados. Os(As) leitores(as) acompanham as soluções imaginadas pelos irmãos para lidar com este dilema. Tomar banho é um problema ou é uma atividade divertida e prazerosa?

PRA QUE TOMAR BANHO? brinda o(a) pequeno(a) leitor(a) com uma história divertida em linguagem de quadrinhos.

(Acervo da editora)

Conhecendo o autor e ilustrador

JOÃO MARCOS

João Marcos nasceu em Ipatinga (MG) e mora em Governador Valadares (MG). É mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Além de ser desenhista, trabalha como professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da Univale, e é um dos roteiristas das revistas infantis da Turma da Mônica.

Sempre gostou de quadrinhos, pois cresceu lendo os gibis da coleção que seu pai começou a organizar antes mesmo de seu nascimento. Da mãe aprendeu o gosto pelo desenho, vendo-a pintar roupas para crianças. Escreve e desenha desde pequeno, inventando personagens e fazendo as próprias revistas em quadrinhos. Na infância, sua casa era cheia de animais, incluindo uma galinha chamada Giselda (como a mascote do Chico Bento) e muitos cachorros. Seu sonho é mudar do apartamento para uma casa e poder criar muitos bichos.

É autor de 17 livros, sendo a maior parte quadrinhos para crianças. Já ilustrou livros de outros autores e escreveu algumas obras teóricas sobre o uso dos quadrinhos na educação.

João Marcos é casado e pai de um casal de filhos. Para se divertir, gosta de andar de bicicleta, ler, desenhar e viajar.

Site: <https://www.youtube.com/channel/UC3db_o6yOput8PC6_9dVuxw>. Acesso em: 6 jan. 2021.

As histórias em quadrinhos na educação infantil

A história em quadrinhos é um gênero textual com características marcantes. No livro Pra que tomar banho?, que faz parte da coleção "Meu primeiro quadrinho", o autor usa todos os elementos que a caracterizam para dialogar com os(as) leitores(as) da educação infantil.

É provável que os(as) pequenos(as) já tenham tido um contato inicial com textos desse tipo, pois eles circulam por todo lugar. Estão nas tiras e *charges* em veículos de comunicação, nas revistas, nos materiais didáticos e principalmente nos gibis. A proposta aqui é apresentá-lo como um livro impresso que esteja presente no ambiente escolar do (a) pré-leitor(a). Nas bibliotecas e cantinhos de leitura das salas de aula, serão importantes materiais de leitura, similares a outros gêneros literários.

Para o desenvolvimento da capacidade leitora é preciso que estejam à disposição dos(as) alunos(as) textos em diversas linguagens e que alcancem o propósito de torná-los(las) aptos(as) a reconhecer uma informação e a se conectar com ela no formato em que aparecer. As histórias em quadrinhos, HQs, cumprem a função de possibilitar uma vivência inovadora. No lugar do texto disposto na página da forma usual, os(as) leitores(as) se deparam com a leitura quadro a quadro, com os personagens que falam em caixas de diálogo, mais conhecidas como balões, e com imagens e signos que transmitem muito conteúdo.

Os gêneros são responsáveis pela comunicação humana. Segundo Bakhtin, "... gênero, mais do que o conceito é uma prática social. Deve ser privilegiado o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente, tendo como ponto de partida a experiência e não o conceito". Por isso a importância de proporcionar esse aprendizado aos(às) leitores(as) em todas as etapas de sua formação.

Desde os primeiros anos na escola, eles e elas devem participar de atos de leitura que contribuam para o aumento da compreensão do mundo que o(a) cerca e de sua autonomia, ao relacionar-se com as múltiplas linguagens existentes em seu entorno.

Assim, os(as) leitores(as) são convocados a utilizar diversas habilidades ao se deparar com uma narrativa em quadrinhos, pois as convenções do gênero pedem um(a) leitor(a) observador(a) e atento(a).

No interior de cada vinheta (como também é chamada a moldura da história), o olhar navega pelas informações contidas nas linguagens verbal, visual, simbólica e icônica. Além das palavras, deve-se também empreender uma leitura e um entendimento das posturas corporais, das expressões faciais e dos sinais gráficos e caracteres que simulam movimentação, sentimentos e sensações como pressa, surpresa, aflição e alegria. As caixas de diálogo apresentam as conversas, apontam o personagem que fala; e a aparência, o formato e a espessura das letras evidenciam a mensagem que é pretendida. Para reforçar ainda mais as ideias, é constante o uso de onomatopeias, que funcionam como efeitos sonoros e são recursos amplamente utilizados para representar a fala em situações específicas dentro das

histórias. O enredo também pode ser contado através das cores, que, entre outras funções, demarcam a atmosfera vivida pelos personagens. Por fim, a disposição dos personagens no espaço, os ângulos, *closes*, planos e elementos cenográficos completam a lista dos múltiplos códigos presentes nas HQs.

Os quadrinhos são um gênero multissemiótico, isto é, possuem várias linguagens que se unem numa interação dinâmica e complexa. No entanto, não é preciso explicitá-los ou explicá-los a todo momento, pois quando o(a) leitor(a) se depara com diversos signos verbais e visuais, percebe a organização interna destes. Texto e imagem estão harmonicamente interconectados e mostram-se compreensíveis quando lidos no contexto. É o que apontam as pesquisadoras Ingedore Koch e Vanda Elias quando afirmam que "a produção de sentido realiza-se à medida que o(a) leitor(a) considera aspectos contextuais que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa".

A mediação do(a) professor(a) que apresenta o universo das HQs pode estimular o olhar sensível para as sutilezas do texto, sem contudo ser impositivo e comprometer a experiência do(a) leitor(a). Nessa relação dialógica, ele(ela) pode valer-se de estratégias como a gestualidade e as expressões faciais, além de dar destaque para as figuras, apontando, quando necessário, as marcações nas ilustrações e usando todo o jogo de corpo que guiará os(as) pequenos(as) na apropriação do texto.

A leitura de quadrinhos amplia e aprofunda as percepções, e nesse encontro do olhar do(a) leitor(a) com a narrativa visual, é preciso respeitar as suas subjetividades, pois cada um(a) se conecta com a mensagem a seu modo. E quando a decodifica, traça seu próprio caminho, ancorando-se em detalhes e miudezas e escolhendo o que mais lhe chama a atenção. Essa aprendizagem modifica o comportamento do(a) leitor(a), retirando-o da passividade e convocando seus saberes para participar ativamente dessa atividade.

Esse percurso precisa se dar pela via do divertimento, do prazer e do entretenimento, ainda que nessa experiência diversos processos cognitivos sejam demandados e novas habilidades sejam adquiridas.

É fato que até pouco tempo o gênero história em quadrinhos não tinha sua relevância reconhecida e não era habitual o seu uso como material de leitura nas escolas, talvez pelo desconhecimento da riqueza de linguagens nele contidas, ou pelo apego às formas tradicionais de produzir um texto e contar uma história.

Atualmente entende-se que as situações escolares de leitura que promovam o contato com a diversidade linguística, que ampliem a percepção estética e coloquem os(as) alunos(as) em contato com a língua escrita em suportes variados devem estar disponíveis desde a primeira etapa da educação básica, acompanhando-os(as) por todo o ensino fundamental e além.

Segundo Vygotsky, quando a criança é posta em contato com diferentes gêneros textuais desde cedo, ela terá a oportunidade de desenvolver seu potencial linguístico de modo diferenciado. É o que também recomenda a BNCC, quando relaciona leituras frequentes e diversificadas com o aumento da capacidade leitora. Os campos de experiências da Base privilegiam esse constante movimento de interagir, aprender, brincar, explorar e expandir as situações comunicativas das crianças.

A construção de práticas cotidianas, em que as crianças tenham a oportunidade de entrar em contato com muitos livros, deve considerar a leitura das HQs, que possuem um

enorme potencial para divertir, entreter e informar. O gosto pela leitura vai se construindo na constância das interações com diferentes linguagens, em cenários estimulantes e desafiadores. A trajetória de leitura dos(as) pequenos(as) é assim alicerçada na diversidade e na experimentação de novos saberes.

Para saber mais

OS QUADRINHOS NO BRASIL

As histórias em quadrinhos surgiram no Brasil no formato de tirinha, publicada em 1869 em um jornal do Rio de Janeiro. O primeiro sucesso editorial, porém, só aconteceu mais tarde, com o surgimento da revista *Tico Tico* em 1905.

A popularidade do gênero se deu na década de 1930, através de revistas como *Globo Juvenil* e *Gibi*, e fez tanto sucesso que gibi até hoje é sinônimo de revista em quadrinhos.

Três décadas depois, os artistas brasileiros começaram a ganhar projeção e surgiram nomes como Ziraldo, Peroti e Primaggio. Também nessa época surgiram as primeiras tirinhas desenhadas por Maurício de Sousa, que popularizou a linguagem dos quadrinhos no País com as aventuras da Turma da Mônica.

A popularidade dos autores nacionais se consolidou na produção de tirinhas, que nos anos de 1980 ilustravam jornais com os trabalhos de importantes cartunistas como Glauco, Laerte, Miguel Paiva e Angeli.

Hoje, a produção editorial de quadrinhos ultrapassa os milhões de exemplares mensais, e vertentes do gênero são apreciadas por crianças e jovens que buscam por aventuras em formatos de mangás, *grafic novels* e *comic books.*

A linguagem dos quadrinhos se expande para outras mídias e é adaptada para as telas em desenhos animados, filmes *live action* e ganha interatividade em jogos em computadores, celulares e outros dispositivos móveis. Enredos e personagens de HQs permanecem como focos de interesse dos leitores, transcendendo o formato impresso e adaptando-se ao gosto das novas gerações.

Por dentro da história

A capa do livro dá uma ideia de que a narrativa será diferente, quando se observa uma caixa de diálogo, típica da linguagem das HQs, com a pergunta: *Pra que tomar banho?*

A primeira cena, que ocupa uma página inteira, mostra um cenário com crianças, seus brinquedos e suas brincadeiras. A legenda, que descreve brevemente a cena, introduz a voz do narrador que, de forma sutil, conduzirá a narrativa e também fará as demarcações que assinalam as passagens do tempo. O(A) leitor(a), então, se depara com uma sequência, similar ao seu cotidiano: primeiro as brincadeiras, depois a hora do banho e por fim todos se reúnem para lanchar.

4

5

As cores vivas, as expressões faciais e a movimentação das crianças transmitem a alegria daquele momento até a chegada em casa. As primeiras marcas que mostram os movimentos surgem como ondas no chão, que indicam pulos de contentamento. Além disso, o balão em formato diferente demonstra entusiasmo e um volume elevado da fala. Mas tudo se converte para expressões de descontentamento, surpresa e irritação.

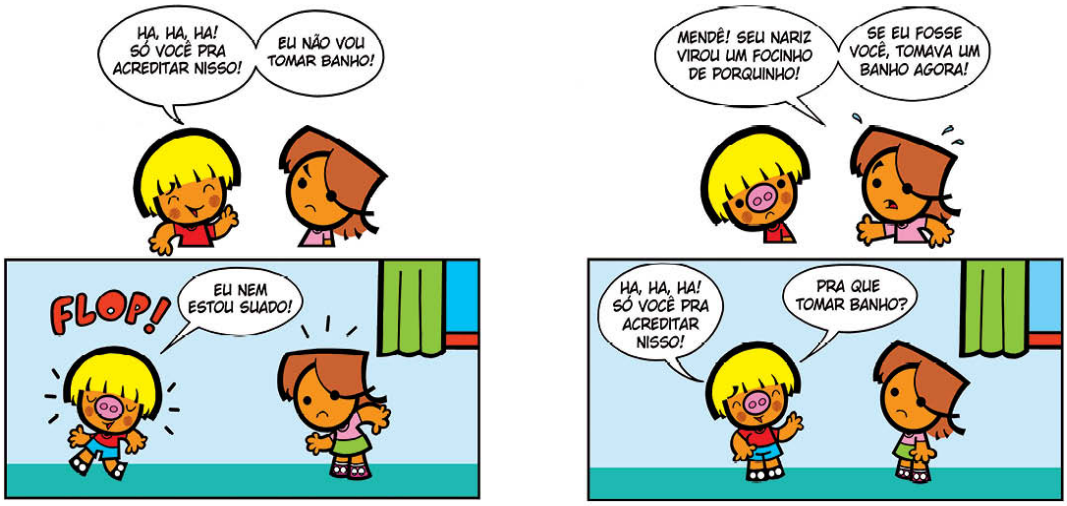
A mãe aponta que é hora do banho. Telúria prontamente obedece, mas Mendelévio parece não ver sentido em correr para o banheiro. E então a pergunta do título retorna e vai sendo feita repetidamente, intensificando o sentimento de descontentamento e de não compreensão sobre essa regra social. Se a mesma pergunta fosse feita a um adulto, a res-

posta certamente seria outra. Os adultos sabem por que se deve tomar banho. Eles já estão inseridos nos ritos e nos hábitos que determinam a necessidade do banho diário. Para a criança, a pergunta é legítima e ela realmente pode se questionar sobre isso. A elaboração da resposta se dará ao longo do seu amadurecimento, de sua inserção no mundo da cultura e nos padrões estabelecidos pelo seu grupo social. A criança ainda não tem todas as regras incorporadas e não vai tomar banho, a menos que um adulto faça essa proposta.

A passagem para o mundo fantástico se dá quando Telúria afirma que o irmão vai virar um porquinho se permanecer sujo. Todo o cenário então se modifica, e eles se transportam para um local de cores leves, que pode ser entendido como o mundo da fantasia. É lá que as transformações acontecem a cada vez que é feita a pergunta “pra que tomar banho?” (observemos que nesse outro lugar ainda existe uma cortina. Assim, percebe-se que as crianças ainda têm um pé no mundo real).

Na transmutação de Mendelévio, aparecem nitidamente as marcas na ilustração que conduzem a ação. São pequenos riscos em volta dele e a onomatopeia "Flop" que aponta o exato momento das transformações. Para o(a) leitor(a) isso é muito significativo, porque os eventos fantásticos, imaginados nas suas brincadeiras, vêm acompanhados de barulhos inventados que imprimem toda uma carga dramática.

Mesmo metamorfoseado, o menino mantém traços que o identificam, como sua roupa, seu cabelo e suas bochechas coradas. O mesmo acontece com as crianças que quando brincam de vestir fantasias ainda preservam sua identidade, mantendo-a intacta sob o traje que é veículo de suas aventuras.



8 9

O menino-porquinho é um jogo das crianças. Por elas foi criado e só elas participam deste momento. O adulto não as vê, pois pertence a outro ambiente. O faz-de-conta é o mundo visitado continuamente pelas crianças. Lá, elas são livres para darem voz às suas vontades mais legítimas e mais profundas. Elas as fazem em atividades lúdicas, sozinhas ou acompanhadas por seus pares, e tudo acontece num microcosmo onde o adulto é só o observador. Eventualmente ele pode ser chamado para participar, mas o faz como convida-

do. Na maioria das vezes é só entre os(as) pequenos(as) que este mundo, com suas regras próprias e uma dinâmica particular, ganha corpo.

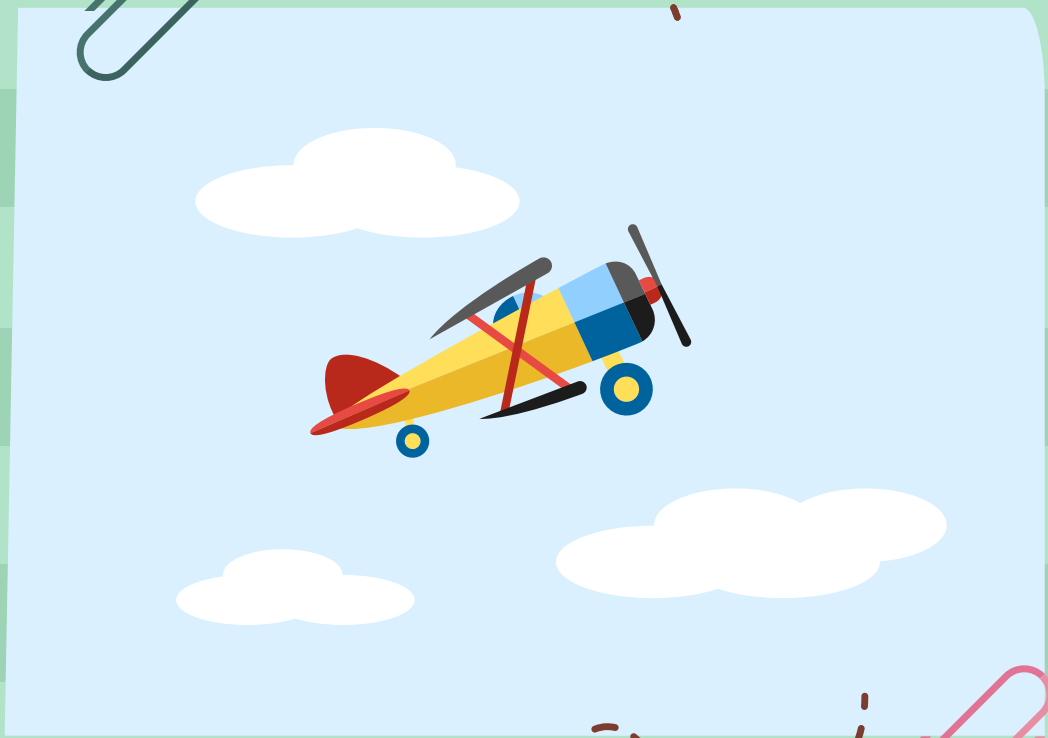
Quando Mendelévio finalmente resolve atender o pedido da mãe, ele o faz depois de processar todas as informações disponíveis para a sua tomada de decisão: permanecer sujo e não fazer parte de um momento de interação ou ceder e voltar ao convívio com a família. O cheiro do bolo recém-saído do forno é a chave para a mudança de pensamento. Para sua surpresa, não acontece nada de ruim, e tudo o que era apontado como empecilho, o *shampoo* que arde e o sabonete fedorento, é esquecido. O banho se mostra como um momento prazeroso e divertido.

Na cena final, o porquinho conversa com Telúria e ela está na fronteira entre as duas dimensões. À sua frente, as cores leves do mundo da fantasia e, ao fundo, as cores aconchegantes da casa.

O diálogo entre os dois abre um novo capítulo para a história, que já parecia concluída. Ao que parece, Mendelévio ainda não se convenceu da necessidade do banho; este é um comportamento frequente nas crianças. Para educá-las, é preciso constância e o uso de estratégias diversas, para reafirmar os combinados. Cabe ao adulto essa condução, para que a consolidação dos hábitos seja efetivada de maneira tranquila e respeitosa.

Toda a aventura dos irmãos tem eco na vida das crianças. Nela estão representadas as brincadeiras com os amigos, os diálogos criativos, as soluções engenhosas para os dilemas, a estrutura e a dinâmica familiar. Para os(as) leitores(as), encontrar o cotidiano retratado na literatura é reconfortante e, ao mesmo tempo, desafiante. Eles(Elas) recebem a mensagem do texto, racionalizam, contemplam seus sentimentos, deparam-se com elementos conflitantes e processam o simbólico. Assim, caminham para formar sua base cognitiva e aprender sobre o outro e sobre si, construindo sua identidade, o que os(as) tornará aptos(as) a conviver em situações diversas e inesperadas que se apresentarão continuamente na sua vida.

Cada leitura pode trazer novos olhares para todas as nuances contidas na história. Por isso, cabe ao(à) professor(a) sempre convidar as crianças para voltarem ao livro, manuseá-lo, ler silenciosamente, compartilhar com os(as) colegas e conversar sobre o enredo. A vivência com um livro não se esgota no primeiro encontro, e a literatura sempre será uma porta aberta para a experimentação e a diversão.



"Designed by Freepik"

Parte 2

A HORA DA LEITURA

Antes da Leitura

O(a) professor(a) pode convidar as crianças para a atividade e motivá-las com músicas e parlendas que conduzam sua atenção para o livro e para a história.

Era uma casa amarela / que tinha uma janela
E, na janela, um quarto / Dentro do quarto, uma cama
Debaixo da cama, uma mala / Dentro da mala, um livro
Dentro do livro, uma história / Que eu vou contar pra vocês!

Eu vou de viagem neste trem / o trem da imaginação
Se você gosta de ouvir histórias / é só entrar no trem.

O(a) professor(a) pode também criar paródias com melodias conhecidas, como *Pirulito que bate, bate* ou *Ciranda, cirandinha.*

Lendo Junto

O(A) professor(a) pode convidar os(as) leitores(as) para fazerem uma investigação, pedindo que olhem as crianças desenhadas na capa e lendo a pergunta do título. A seguir, apontar as palavras que estão escritas dentro do balão e explicar que se trata de uma história contada no formato de quadrinhos. Perguntar se eles(elas) já viram algum gibi ou quadrinhos em outros materiais gráficos e conversar brevemente sobre os personagens do gênero que já conhecem. As crianças certamente vão citar a Turma da Mônica e os Super Herois, que são os mais famosos protagonistas das HQs.

No momento de apresentar os personagens do livro, o(a) professor(a) pode dar destaque para seus nomes diferentes: Mendelévio e Telúria. O autor escolheu esses nomes a partir dos elementos da tabela periódica, mas talvez essa informação seja muito avançada para os(as) leitores(as). É preferível aqui se divertir com o som dos nomes brincando de repeti-los até que se tornem fáceis de pronunciar.

As investigações sobre os elementos pré-textuais continuam com a motivação para que eles(elas) respondam a pergunta feita na capa. Será interessante questionar:

Para que serve tomar banho? Eu acho que tomar banho é muito bom e refrescante. O que vocês acham? O Mendelévio parece não gostar. Olhem a cara dele, aqui na capa do livro. O que vocês acham que ele está sentindo, assim com essa cara fechada e com os bracinhos cruzados?

O clima de brincadeira e investigação pode continuar na observação das ilustrações e das conversas. Quando Telúria volta do banho e pergunta onde está o irmão, será divertido perguntar isso também aos leitores, abrindo para eles as páginas do livro:

Onde o Mendê está escondido? Até o passarinho está perguntando. Será que ele está atrás do vaso de flor? Quem acha que ele está atrás da mesinha? Será que ele está atrás do sofá? Onde será que ele está? Eu não estou vendo...

A resposta está ali bem perto, poucos quadrinhos adiante e é facilmente identificável. Esse jogo de perguntas conduz o olhar dos(as) pequenos(as) para a sequenciação dos quadrinhos, revelando como a história se desenvolve nesse gênero.

Outra passagem que pode estimular o olhar para detalhes significativos da ilustração é quando Mendelévio foge de sua mãe. O(A) professor(a) pode perguntar aos(às) leitores(as) para que lado o menino fugiu. Um pedacinho de seus pés e do rabinho de porco estão na borda do quadrinho, acompanhado de marcas que mostram sua aflição e sua movimentação para se esconder; descobrir isso será estimulante para os leitores.

A exploração das onomatopeias e de outros sons traz um colorido a mais na narração da história. O(A) professor(a) e as crianças podem fazer juntos o barulho escutado quando batem à porta, imitar o som que os porquinhos fazem e inventar um som que caracterize a palavra "Flop" cada vez que ela aparecer.

Além disso, pode-se enriquecer a experiência ao ativar com gestos os sentidos usados para perceber algumas passagens da história. O(A) professor(a) pode colocar as mãos em concha na orelha, quando fala o toc-toc, as mãos sobre os olhos para procurar o Mendê atrás do sofá e pode mexer o nariz para simular sentir o cheiro ruim da sujeira ou o cheiro bom do bolo.

A história não termina quando aparece a palavra "Fim" na cena da família lanchando. O mediador, ao virar a página, pode provocar os(as) pequenos(as) com perguntas instigantes:

Parece que a história não acabou. O que será que tem na próxima página? Olhem só, o porquinho voltou. O que será que Mendelévio aprontou dessa vez?

A fala do porquinho pode levantar diversas hipóteses. O(A) professor(a) pode deixar a pergunta no ar e pedir a opinião das crianças, cuidando para que seja uma conversa pautada no respeito e na tolerância, ativando sua capacidade argumentativa e estimulando-as a se apropriarem de todo o simbolismo contido na história.

Para Terminar a História

Era uma casa amarela / que tinha uma janela
E na janela, um quarto / Dentro do quarto, uma cama
Debaixo da cama, uma mala / Dentro da mala, um livro
Dentro do livro, uma história / Que eu já contei pra vocês!

Entrou por uma porta e saiu por outra. Quem quiser que conte outra.
Entrou por uma porta e saiu por outra. Peça ao rei que conte outra.
E agora minha gente / nossa história acabou /
Bata palmas bem contente / bata palmas se gostou!

(Paródia da canção *Ciranda, cirandinha*)

A leitura mediada do livro PRA QUE TOMAR BANHO? contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

Fonte: BRASIL, 2016.

Parte 3

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Sugestão de um planejamento para explorar as temáticas do livro PRA QUE TOMAR BANHO?

Tema: AUTOCUIDADO E HIGIENE

A partir da leitura conjunta do livro PRA QUE TOMAR BANHO?, apresentamos este planejamento, que tem como objetivo enriquecer os conhecimentos das crianças sobre os hábitos de higiene.

Esse tema auxilia as crianças na construção do senso de autocuidado e na percepção de seu corpo e dos rituais de cuidados pessoais, possibilitando-lhes consolidar hábitos e ampliar experiências sociais, como explicitado no Campo de Experiência *O eu, o outro e o nós* da BNCC.

As atividades interativas abaixo foram preparadas para:

- estimular a prática de cuidados pessoais;
- reconhecer a necessidade de cuidar do próprio corpo;
- conhecer práticas de higiene usadas no cotidiano;
- desenvolver a autonomia na prática de cuidados com a higiene.

Duração: 2 ou 3 encontros

DICA

É importante estar com o livro sempre por perto, para retornar a ele a cada atividade, ou quando as crianças solicitarem-no.

Atividade 1 - O banho de todo mundo

Numa roda de conversa, o(a) professor(a) poderá pesquisar em livros e na Internet informações sobre o banho dos animais e apontar as diferenças nessas formas de tomar banho. Nós, os humanos, usamos água, sabonete, *shampoo*, bucha e chuveiro ou (ducha, banheira, bacia). Mas os animais podem se banhar nos rios, lagos, mares ou usar areia e até lama!

Será interessante mostrar que os elefantes usam sua tromba para jogar água nas costas para se refrescar; que os passarinhos se banham espalhando água para todo lado; e que os porcos adoram tomar banho de lama, o que para nós pode parecer estranho, mas para eles é uma forma de proteção contra picadas de insetos. O(A) professor(a) pode também explicar que o banho do gato é diferente: com sua língua ele consegue alcançar todas as partes do corpo e não precisa se molhar para se limpar. Uma boa interação será perguntar às crianças sobre a higiene dos seus animais de estimação e se ajudam os adultos a dar banho nos cachorros de casa ou se existe o costume de levá-los a *pet shops* para a sua higienização.

Ao final da conversa, ainda pode revelar que há outros tipos de banhos que se pode tomar, perguntando: Quem já ouviu falar de banho de Sol para esquentar, banho de Lua para olhar estrelas, banho de piscina, de rio, de mar e até banho de chuva, se os pais permitirem?

Se for possível, o(a) mediador(a) poderá organizar um banho de mangueira ou em piscina de plástico seguido de banho de Sol no pátio da escola. Para isso, deve procurar um lugar seguro e escolher um horário do dia que seja apropriado, com indicação prévia do uso de protetor solar e vestuário adequado.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO03); (EI03EO05); (EI03CG02); (EI03CG04).

Atividade 2 - O banho dos brinquedos

Esta atividade consiste em reunir as bonecas e outros brinquedos da sala de aula para fazer uma “hora do banho”. Devem ser selecionados objetos laváveis ou de plástico. É preciso providenciar bacias grandes e sabões neutros e antialérgicos. O(A) professor(a) pode procurar um local externo na escola, se houver, para que os alunos fiquem mais à vontade para participar da atividade.

As roupas das bonecas e outros acessórios de tecido também podem ser lavados e será interessante montar um mini varal e usar prendedores de roupas. As crianças podem aprender as tarefas de lavar, enxaguar, torcer e estender as roupas para secar.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG04) (EI03CG05)

Atividade 3 - Jogo: Na minha cidade

Esse jogo pode ser praticado com vários temas, mas aqui ele será dirigido aos cuidados corporais. Começa com uma criança que é escolhida e inicia o jogo dizendo: “Na minha cidade, as crianças... (nomeia uma ação ligada à higiene pessoal) se penteiam”, por exemplo. E todos imitam a ação de pentear-se. Após a execução, passa-se a vez para outra criança, seguindo uma sequência que garanta a participação de todos.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG03); (EI03CG04).

Avaliação

O(A) professor(a) poderá usar o instrumento de avaliação que melhor se encaixe no objetivo de registar o envolvimento e a participação, através de anotações e do diálogo com as crianças, para o relato de sua experiência com essas atividades.

Este planejamento contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil*:

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Fonte: BRASIL, 2016.

LEITURA e ESCRITA

Atividade 4 - Escrita criativa

Consiste primeiramente em fazer um levantamento junto com a turma sobre os hábitos de higiene do dia a dia. Além do banho, deve-se por exemplo falar sobre a necessidade de lavar as mãos, cortar unhas, lavar cabelo e escovar dentes.

As crianças podem relatar o que conseguem fazer sozinhos e o que precisam da ajuda de adultos.

Nessa conversa, será necessário criar estímulos para que as crianças criem frases motivacionais sobre a importância de se cuidar e de manter bons hábitos de higiene. Essas falas deverão ser escritas pelo(a) professor(a) em caixas de diálogos, como aparecem nas histórias em quadrinhos, em cartolinas ou outro tipo de papel.

Na sequência, será preciso providenciar a impressão de fotos dos alunos. Ou então eles mesmos podem desenhar o seu autorretrato sob as frases que criaram.

As imagens das crianças junto às caixas de diálogo poderão ser afixadas por eles(elas) no mural da sala.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03CG04); (EI03TS02); (EI03EF01).

Atividade 5 - Reconto

A proposta de recontar uma história é um modo de produzir uma boa interlocução entre as crianças. O(A) professor(a) deve pedir que alguns alunos assumam o lugar de leitor e contem a história de Mendelévio e Telúria para os colegas usando o livro como suporte e elaborando, cada um à sua maneira, uma forma interessante de fazer a releitura.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EF04); (EI03CG04).

As atividades de leitura e escrita contemplam os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.

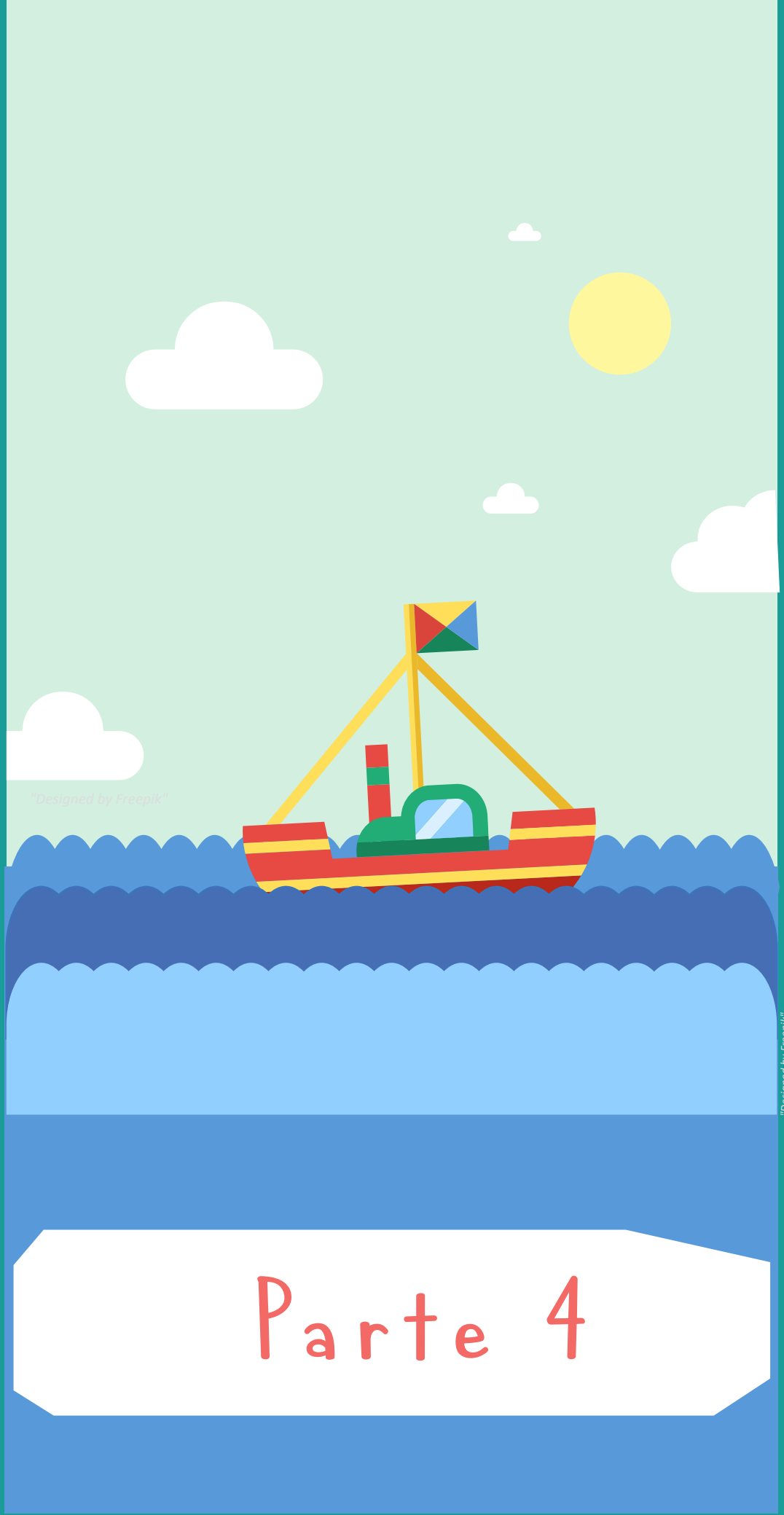
(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

Fonte: BRASIL, 2016.

"Designed by Freepik"



Parte 4

JOGOS E BRINCADEIRAS

Sentidos

Partindo do elemento motivador presente no livro, relacionado com cheiros e o sentido do olfato, convidar as crianças para experimentações que ampliem os conhecimentos sobre a temática. Abaixo, algumas sugestões de atividades que promovam momentos propícios para ativar os cinco sentidos:*

Olfato

Produzir, com as crianças, sachês com cheiros agradáveis. Assim, elas terão oportunidade de aguçar os sentidos e provar novas fragrâncias.

Com retalhos de tecidos e fitilhos podem ser feitos saquinhos contendo pedaços de pau de canela, erva-doce, pétalas de flores diversas, camomila, capim-cidreira, anis e outras ervas.

Outra ideia é fazer trouxinhas contendo pedaços de manta acrílica e pingar gotas de essências variadas.

As crianças podem levar os sachês para casa e colocá-los na sua gaveta de roupas ou deixá-los dentro da mochila escolar.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG05); (EI03ET02); (EI03ET05).

Audição

Do que é esse som?

O(A) professor(a) grava previamente alguns sons. Exemplos de sons: Tic Tac (relógio), Toc Toc (batendo na porta), Vrum (carro), Atchim (espirro).

Em círculo, ele(ela) solicitará que as crianças fechem os olhos para ouvir o som que será reproduzido em áudio. Inicialmente as crianças ouvirão em silêncio e formarão equipes, com arranjos de acordo com o consenso do grupo. Após a execução das onomatopeias e outros ruídos, a criança que identificar o som levantará a mão e, caso acerte, ganhará um ponto para sua equipe.

* Se na turma houver crianças com necessidades especiais, adaptar as atividades para inclui-las nas brincadeiras.

Um desdobramento dessa brincadeira é exibir cartões com imagens que sugerem sons e pedir às crianças para reproduzi-los oralmente: uma criança chorando (bué, bué), uma criança gargalhando (rá, rá, rá), a buzina de um carro (bi, bi), uma pessoa tossindo (cof, cof), um martelo batendo um prego (pá, pá, pá).

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO04); (EI03CG03); (EI03CG05); (EI03TS03).

Paladar

Menu degustação

O educador pode preparar uma mesa com vários alimentos, com diferentes sabores e texturas para que as crianças possam degustar.

Em copinhos de café ou outros recipientes, colocar pedacinhos de limão, de gengibre, de uva-passa, cravo. Preparar diferentes tipos de chá (erva-doce, hortelã, canela) e pipoca salgada e pipoca doce.

Cada item deve ser nomeado, pois talvez alguns não sejam conhecidos por elas. Após provar cada alimento, estimular para que digam o que sentiram (se é doce, salgado, ácido), sua opinião sobre eles (se gostaram ou não) e se conseguiram identificar em quais situações já sentiram esses sabores.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO04); (EI03ET01); (EI03ET05).

Tato

Providenciar caixas pequenas, com a parte de cima coberta com TNT, contento apenas a abertura que permita a mão passar e fique escondido o que está no interior. Dentro das caixas, colocar objetos variados para que as crianças percebam diferentes texturas.

As caixas poderão conter pedrinhas, areia, grãos, algodão, um pacote com gelo, *Slime* ou Amoeba, pedaços de lixa, esponja, plástico-bolha, entre outros.

Proporcionar um momento de diálogo para que todos possam descrever as sensações experimentadas na atividade.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO04); (EI03CG05); (EI03ET01); (EI03ET05).

Visão

Brincando com lupas, todos poderão explorar o ambiente interno e externo da sala de aula. Propor um percurso onde existam objetos diversos, insetos, folhagens, pedras e flores, estimulando para que as crianças observem detalhes e relatem o que viram.

Poderá também ser feito junto com as crianças um binóculo de brinquedo, que, na verdade, não amplia os objetos, mas pode gerar uma divertida brincadeira. Os materiais usados são rolos de papel higiênico, barbantes, papel *color set* ou tinta para decorar.

No *link*, veja como fazer:

<https://www.youtube.com/watch?v=o3nL0dS5dxA&ab_channel=Criativerso>. Acesso em: 25 março. 2021.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO04); (EI03CG05); (EI03TS02); (EI03ET01); (EI03ET05).

"Designed by Freepik"

As brincadeiras para ativar os sentidos contemplam os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

Fonte: BRASIL, 2016.

OUTRAS BRINCADEIRAS

Esconde-esconde / O esconderijo ao contrário

As crianças gostam muito de brincar de esconder. No livro, Mendelévio também se esconde para não tomar banho! O(A) professor(a) pode sugerir que a turma escolha um pegador que irá fechar os olhos e iniciar uma contagem de 1 a 20, enquanto os colegas se escondem na sala de aula ou no pátio da escola. O desafio é descobrir o esconderijo de cada um. Se o espaço for reduzido a ponto de inviabilizar essa forma tradicional de esconde-esconde, a brincadeira poderá ser "o esconderijo ao contrário", em que só um colega esconde. De olhos fechados, todos então contam de 1 a 20 e depois partem para encontrá-lo.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG02); (EI03CG03).

Esta brincadeira contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil*:

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

Fonte: BRASIL, 2016.

Bolinhas de sabão

Essa brincadeira é inspirada nas bolinhas de sabão que aparecem no verso da capa e da 4ª capa do livro.

Utilizando materiais recicláveis, como garrafas *pet* cortadas, e misturando água e detergente, é possível construir um brinquedo onde as crianças podem assoprahr bolinhas de sabão. O(A) professor(a) pode recolher esses materiais e realizar uma oficina junto com as crianças para que cada uma faça seu próprio soprador de bolinhas.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG02); (EI03CG03); (EI03CG05); (EI03ET02).

Veja a sequência da construção do brinquedo seguindo as orientações dos vídeos abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=PSrbCFIfD8w>.
Acesso em: abr. 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=LedGGu12rlg>. Acesso em: abr. 2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=fXdx4Em_goo>. Acesso em: abr. 2021.

Esta brincadeira contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.

Fonte: BRASIL, 2016.

MÚSICAS E VÍDEOS

Músicas

* As músicas sobre hábitos de higiene do Castelo Rá-Tim-Bum fazem sucesso há décadas! As crianças vão gostar de aprendê-las.

- *Banho é bom*, na versão antiga:
<https://www.youtube.com/watch?v=IM7Ki0-Mh7M>. Acesso em: nov. 2020.

- Nova versão da canção *Banho é bom:*
<https://www.youtube.com/watch?v=LeP2CIepzYQ&list=PLpS-jY4fB7cVImRWNq3lx4V9Fh6Zq16CO&index=6>. Acesso em: nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG03); (EI03CG04); (EI03TS01); (EI03TS03).

- *Lava uma mão*:
<https://www.youtube.com/watch?v=0OAp08bSK84&ab_channel=TVRáTimBum>. Acesso em: nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG03); (EI03CG04); (EI03TS01); (EI03TS03).

* A conhecida canção “O sapo não lava o pé” brinca com os cheirinhos que podem ficar nos pés que não são lavados!
<https://www.youtube.com/watch?v=WkC8BMxIWFk&ab_channel=ZiSéoCanal>. Acesso em: nov. 2020.`

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG03); (EI03CG04); (EI03TS01); (EI03TS03).

* A canção “Pinguelinha” é cantada fazendo uma divertida coreografia!

As crianças ficam em roda para cantar e dançar a música que é uma paródia de “Fui na fonte do Itororó” ou “Ciranda, cirandinha”.

Eu passei na pinguelinha, (dar um salto no lugar)
Chinelinho saiu do pé. (bater a ponta do pé direito à frente apontando-o com o indicador)
Os peixinhos reclamaram: (juntar as mãos e deslizá-las para os lados, como peixe)
Que cheirinho de chulé! (fazer careta, balançando a mão perto do nariz)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG03); (EI03TS01); (EI03TS03).

* Para brincar com onomatopeias, o(a) professor(a) canta com as crianças a canção popular “A loja do Mestre André”. Podem ser inventados movimentos que lembrem os instrumentos citados na música.
<https://www.youtube.com/watch?v=bIKo3BGfWvA&ab_channel=GalinhaPintadinha>. Acesso em: nov. 2020.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:
(EI03EO03); (EI03CG01); (EI03CG03); (EI03TS01); (EI03TS03).

Dica

Ao executar essas músicas, repetir os gestos propostos na letra e acompanhar a execução com chocalhos e outros instrumentos sonoros e percussivos.

Cantar e acompanhar a execução de músicas com percussão e dança contempla os seguintes objetivos de aprendizado e desenvolvimento presentes na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.

(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Fonte: BRASIL, 2016.

Vídeos

* Cascão é o conhecido personagem da Turma da Mônica que não gosta de se molhar nem de tomar banho.

No vídeo a seguir, ele parece reconhecer que se cuidar pode ser uma boa ideia.

Turma da Mônica em: Depois do banho

<https://www.youtube.com/watch?v=mCCZiMjm4mY>. Acesso em: nov. 2020.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG04)

* Acompanhe os vídeos de Pocoyo e sua turma que se divertem e aprendem sobre hábitos de higiene:

<https://www.youtube.com/watch?v=QAqj4nZRmUo&ab_channel=POCOYOemPORTUGUÊSBRASIL-CanalOficial>. Acesso em: nov. 2020.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG04)

As temáticas contidas nos vídeos contemplam o seguinte objetivo de aprendizado e desenvolvimento presente na *Base Nacional Comum Curricular: educação infantil:*

OBJETIVO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.

Fonte: BRASIL, 2016.

"Designed by Freepik"

Parte 5

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Filósofo e pesquisador da linguagem humana, Mikhail Bakhtin apresenta, nesse volume, uma coletânea de seus estudos sobre a criação literária e sobre os gêneros do discurso. Nesse tópico, propõe reflexões sobre seu uso e aponta que sua variedade é tão extensa quanto as situações de trocas de mensagens e informações experimentadas pelas pessoas nos processos comunicativos.

BRASIL. Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. *Diário Oficial da União*, Brasília, ed. 70-A, seção 1 - Extra, p. 15, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431>. Acesso em: 1º set. 2020.

Publicação oficial do governo federal que institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA). O decreto tem como finalidade "implementar programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal".

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Documento normativo que regulamenta as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, constituindo-se atualmente como referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação infantil.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Nesse texto, Antônio Cândido apresenta a literatura como fator de equilíbrio psíquico e social, argumentando sobre a necessidade de ela ser reconhecida como direito de qualquer pessoa, devendo, portanto, ser garantida a todos(as).

COSSON, Rildo. Letramento literário e práticas estratégicas de leitura na primeira infância. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 207-225, set./dez. 2015.

O professor Rildo Cosson elabora esse artigo tendo como foco o trabalho docente e sugere práticas de leitura e letramento a serem aplicadas em ambientes escolares da educação infantil. Em seu entendimento, a formação de crianças leitoras se dá desde a primeira infância e a literatura infantil é um instrumento legítimo para que as crianças possam adentrar no mundo letrado.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). *Literatura*: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 55-69. (Coleção Explorando o Ensino, 20).

Nesse capítulo do livro Literatura, da Coleção Explorando o Ensino, o autor trata da relação entre a educação e a arte da palavra. Assim, partindo da afirmação de que as leituras em sala de aula se realizam de forma descontextualizada, propõe que esse ensino se torne uma prática significativa, uma vez que o exercício da leitura é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para a formação do ser humano.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

As autoras apresentam, nesse livro, a relação entre a linguística textual e o ensino da leitura. Afirmando que a leitura é uma atividade de produzir sentidos, convidam para o aprofundamento nos signos presentes em diversos gêneros textuais e analisam como se processa o entendimento que é feito por meio da apreensão de noções como contexto, referenciação, intertextualidade, sequenciação e outros elementos constitutivos do texto.

PARREIRAS, Ninfa. Colo: o lugar do livro e da literatura na infância. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, ed. esp., p. 299-312, fev. 2015.

A autora traz interessantes considerações sobre o papel do afeto e da proximidade na relação das crianças bem pequenas com os livros e histórias. Leituras, acalantos, parlendas, canções e até sons diferentes e aparentemente sem sentido criam e reforçam os laços das crianças com os adultos. Ao longo do artigo, são apresentadas estratégias que possibilitam essa aproximação, todas elas centradas na riqueza das interações que se processam quando a criança se aconchega na segurança do colo de quem lhe descortina o mundo da linguagem, da imaginação e da fantasia.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária*: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

A experiência da escritora colombiana Yolanda Reyes com a Oficina Espantapájaros em Bogotá é detalhada nesse livro. A criança é reconhecida como leitora desde o ventre da mãe. Com relatos reais e exemplos práticos, a autora convoca pais, bibliotecários e mediadores a começar, desde cedo, a formar leitores, promovendo encontros lúdicos e prazerosos da criança com o livro.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Org.). *A história em quadrinhos no Brasil*: análise, evolução e mercado. São Paulo: Laços, 2011.

Nesse livro, que conta com dez artigos escritos por diversos autores, é possível encontrar um panorama histórico da linguagem dos quadrinhos, desde a primeira publicação até os dias atuais. Além dos formatos tradicionais, também encontramos descrições sobre novas tendências, como mangás, fanzines e charges, tornando a publicação uma valiosa referência para a compreensão do gênero histórias em quadrinhos no País.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alex N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

A obra apresenta textos dos psicólogos russos Vygotsky, Luria e Leontiev, e trata de conceitos da psicologia cognitiva, da neurofisiologia e da teoria da linguagem. Assim, é possível encontrar nos capítulos o resultado dos estudos sobre o desenvolvimento infantil e sobre as aprendizagens que se processam na infância, por meio da convivência nos espaços familiares e escolares.

SUGESTÕES DE LEITURA

CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA. Faculdade de Educação da UFMG. *Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Ceale; Faculdade de Educação da UFMG, s.d. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 1º jul. 2020.

Publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da UFMG. Tem como objetivo subsidiar os educadores, especialmente os alfabetizadores, com conceitos das temáticas de alfabetização, leitura e escrita. É organizado no formato de verbetes, cada um deles escrito por um especialista da área. Sua consulta pode servir como um entendimento preliminar para termos e conceitos usados em publicações, na formação e na prática de docentes.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

A educadora espanhola Teresa Colomer apresenta, nesse volume, diversas ferramentas para auxiliar os docentes em seus projetos de promoção de leitura. São tratados temas como a qualidade dos livros infantis, o uso da literatura na sala de aula e a formação do leitor, desde os primeiros anos escolares. Nas palavras da autora, andar entre livros é a condição essencial da educação literária das novas gerações.

GAZETTA, Sônia M. M.; SOBRINHO, Vanessa C. História em quadrinhos como gênero textual e o desenvolvimento da leitura e da escrita. *Acta Científica: Ciências Humanas,* São Paulo, v. 2, n. 17, p. 23-37, 28 out. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.unasp.edu.br/acch/article/download/25/25>. Acesso em: 15 ago. 2020.

As autoras apresentam um breve histórico sobre os gêneros textuais, dando destaque para as histórias em quadrinhos. Apontam para a importância do conhecimento da variedade de gêneros no ambiente escolar. O conhecimento de gêneros textuais diversificados amplia o potencial linguístico dos alunos e os torna competentes para fazer uso adequado deles nas diversas situações comunicativas de suas vidas.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

O autor apresenta uma definição para o termo gênero textual e elabora um breve histórico de seu surgimento e de sua evolução. Os diversos tipos e gêneros textuais são listados, explicados, exemplificados e definidos segundo sua funcionalidade. Dessa maneira, podemos reconhecer sua dinamicidade e observar suas constantes modificações que ocorrem motivadas pela necessidade comunicativa que se estabelece nas diversas interações humanas.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In:* DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 194-207.

Com base na conceituação do gênero histórias em quadrinhos, a autora apresenta sugestões de atividades que valorizem a riqueza e a complexidade de mensagens e signos presentes nas HQ. Para ela, é preciso adquirir estratégias específicas para a leitura de quadrinhos a partir do conhecimento de suas características e fundamentos.